



«O TEMPO DA MÁQUINA DE ESCREVER»

Sobre a coleção de máquinas de escrever da Caixa Geral de Depósitos

A Máquina de Escrever marcou um período importante na história da tecnologia e a sua evolução foi uma constante dos tempos. Da coleção de máquinas de escrever, constam máquinas mecânicas, eletromecânicas e elétricas. As mais antigas, são as marcas *Royal*, *Corona*, *Imperial*, *Continental* e a *Underwood*, destacam-se pela sua robustez, algumas pelos motivos decorativos e pelos *layouts* de teclado *AZERTY* e *HCESAR*, compostos por teclas de vidro com anilha.

Estes teclados, entre outros, surgiram da necessidade de rapidez na escrita, permitindo que as teclas mais utilizadas, estivessem afastadas, evitando que as hastes metálicas com os caracteres na extremidade, colidissem entre si. O primeiro era usado sobretudo, em países de expressão e influência francesa. O segundo, conhecido como teclado português, foi criado pelo decreto-lei de 21 de Julho de 1937, pelo primeiro-ministro António Oliveira Salazar e tinha como particularidade, a dupla função de teclas, entre outras.

A máquina de escrever surge como primeira tentativa, em 1714 com o engenheiro inglês Henry Mill, a que se seguiram inúmeras outras.

Em 1808, Pellegrino Turri criou uma máquina para facilitar a comunicação com pessoas cegas, usando um teclado para escrever.

Em 1829, foi concedida a primeira patente norte-americana ao inventor William Austin Burt que concebeu uma máquina com os caracteres colocados numa roda semicircular que girava e imprimia no papel, chamada *typographer*.

Em 1861 surge um novo modelo, mais rápido e funcional, atribuído ao padre brasileiro Francisco João de Azevedo, conhecedor de matemática e hábil mecânico, apresentado na Exposição Nacional do Rio de Janeiro em 1862 e vencedor da medalha de ouro atribuída por D. Pedro II. No entanto, só em 1868 esta máquina foi patenteada pelo tipógrafo americano Christopher Sholes que mais tarde, com a firma *Remington and Sons*, de Nova Iorque fabricou o seu primeiro modelo industrial, designado *Sholes & Gliddens*, contribuindo assim, para o início da produção e industrialização da máquina de escrever.



Em 1878, foi introduzida uma nova máquina a *Remington Nº 2*, ainda mais rápida e que escrevia com letras maiúsculas e minúsculas utilizando a tecla *shift*, tornando-se um grande sucesso comercial.

Na primeira metade do século xx, com a introdução das máquinas de escrever portáteis e das elétricas, a máquina de escrever já mais desenvolvida e sofisticada, tornou-se mais rápida, silenciosa, prática e ao alcance de todos.

Tornou-se indispensável no mundo dos negócios e surgiu como um instrumento das novas oportunidades de emprego, sobretudo da emancipação da mulher no mercado de trabalho. Com um maior acesso à escolaridade, assistiu-se à criação de profissões *femininas* socialmente consideradas, em que o curso de *dactilografia* - palavra de origem grega “dactilo” = dedo e “grafia” =escrita, isto é, a ciência e arte de digitar textos com os dedos através de um teclado, era ministrado para o uso das máquinas de escrever.

A máquina de escrever difundiu-se largamente com a expansão do sector comercial e serviços, nas repartições públicas, nos bancos e nos escritórios, pela necessidade de uma maior rapidez e uniformidade da escrita contribuindo para o desenvolvimento económico e social.

Hoje, com mais de 200 anos, e quase desconhecida dos mais jovens, a máquina de escrever transformou-se em peça de antiquário e de museu, sendo Abril de 2011 a data do seu fim. Com o encerramento da multinacional Godre j& Boyce com sede em Bombaim, a última fabricante de máquinas de escrever na Índia deu por finalizada a sua atividade por falta de procura.

A máquina de escrever foi suplantada pela supremacia do computador na era da informática e pela exigência crescente de um ritmo acelerado em que a competitividade e a qualidade estão associados ao sucesso e ao lucro. No entanto os equipamentos mais modernos e aperfeiçoados continuarão a utilizar as teclas, até que o avanço tecnológico proporcione outra alternativa.

Da coleção de 55 máquinas de escrever pertencentes ao acervo museológico do Gabinete de Património Histórico da CGD, destaca-se a mais antiga, uma Smith Premier nº 3 de 1899.

Uma máquina mecânica de 84 teclas que inclui dois teclados, um de letras maiúsculas e outro de minúsculas. Característica “inovadora” para a altura, uma vez que, a maioria das máquinas apresentava um teclado só de maiúsculas. De estrutura metálica, apresenta as teclas numa liga em baquelite e o carro com rolo em borracha. Dispõe de um *pente de barras* metálicas com tipos (caracteres) nas extremidades. A barra de *tipo* embatia na parte inferior do cilindro, sobre o papel, de baixo para cima, proporcionando a escrita *understroke*, isto é, escrita



invisível, uma vez que não se via o texto enquanto se escrevia, sendo necessário levantar o carroto para o visualizar.

Célia Moutinho

Gabinete do Património Histórico da Caixa Geral de Depósitos

Setembro de 2011



Galeria de imagens



CORONA – Smith.

Matéria: Metal. Dimensões: 15x30x24 cm. Nº de Série: 560580 / Ano 1917. Localização: CGD/GPH.

Nº de Inventário: 0089



Underwood Standard

Matéria: Metal. Dimensões: 23x47x30 cm. Nº série: 3857491-14 / Ano 1931. Localização: CGD/GPH

Nº Inventário: 0062



ROYAL

Matéria: Metal. Dimensões: 25x40x37 cm. Nº de Série: X 92-1301929 / Ano 1933. Localização: CGD/GPH.
Nº de Inventário: 0052



Underwood 26

Matéria: Metal. Dimensões: 25x82x31 cm. Nº série: 4450909-26 / Ano 1936. Localização: CGD/GPH
Nº de inventário: 0070



IMPERIAL 58

Matéria: Metal. Dimensões. 26x54x37 cm. Nº de Série: 331180 X / Ano 1948. Localização: CGD/GPH
Nº de Inventário: 0084



SMITH PREMIER Nº 3

Matéria: Metal, baquelite. Dimensões: 25x45x37 cm. Data: 1899. Localização:CGD/GPH
Nº de Inventário:0057